

Editorial: Covid-19, Organizações, Trabalho em Casa e Produção Científica

Desde que Drucker (1949) descreveu sua visão acerca de uma “sociedade de organizações”, nunca tais atores sociais foram tão profundamente desafiados por uma ameaça com tamanho poder de devastação. Essa ameaça não veio de rupturas tecnológicas, crises econômicas ou de guerra entre países, mas de algo microscopicamente menor: um vírus. Corporificada na doença denominada Covid-19, ela é causada por um membro da família dos vírus, o coronavírus SARS-CoV-2, cujo potencial de contágio elevou o status da doença ao de pandemia. Seu avanço fez com que o mundo praticamente parasse, diante da necessidade de distanciamento social para conter sua propagação. Consequentemente, com a mobilidade restrita em escala global, aqueles negócios mais dependentes do fluxo e da concentração de pessoas sofreram primeiro. No entanto, as consequências econômicas para os demais tipos de negócios ainda não pararam por aqui.

A gravidade da situação não levou somente às ciências médicas e biológicas a dar total atenção ao seu combate, mas também vem exigindo das demais áreas, inclusive daquelas vinculadas às ciências sociais, a refletirem sobre as consequências de uma ameaça sem precedentes. Não seria diferente para os estudos organizacionais e para a área de negócios, que ainda estão digerindo quais são os possíveis impactos de uma desaceleração repentina da atividade econômica e da mudança na dinâmica de interação entre as pessoas.

Por exemplo, em artigo recentemente publicado na *Harvard Business Review*, Carlsson-Szlezak, Reeves e Swartz (2020) destacam que as lideranças empresariais vêm fazendo perguntas sobre o quão ruim será a recessão, quais cenários possíveis da retomada dos negócios, bem como quais os impactos estruturais na economia. Os autores sabiamente apontam que projeções e índices não responderão tais perguntas, pois não há conhecimento prévio suficiente acerca da trajetória de contágio, da efetividade dos esforços de contenção da doença e da reação das firmas e consumidores. Em suma, qualquer número projetado não é confiável.

Todavia, Carlsson-Szlezak *et al.* (2020) atentam que algumas ideias de como lidar com a crise devem vir de uma análise cuidadosa de quatro pontos: os sinais dos mercados financeiros; os padrões conhecidos sobre recessões; as retomadas econômicas; e a história de como outras epidemias afetam a economia. No que se refere ao mercado financeiro, o preço das ações já reflete o risco da pandemia. Porém, segundo os autores, tais flutuações se devem mais às incertezas em volta da epidemia, não implicando em se ter uma linha reta entre resultados da bolsa e economia real.

Em relação a uma provável recessão causada pela Covid-19, para compreendê-la, os autores categorizam as recessões em três tipos: recessão real, quando a economia entra em colapso devido a um choque exógeno,

Luciano Rossoni ,
Editor da RECADM
UniGranRio, Brasil
lrossoni@gmail.com

como guerras, pandemias e catástrofes; recessão política (monetária), em que os bancos centrais operam com taxas de juros extremamente altas, asfixiando o crédito que, por sua vez, sufocam a expansão econômica; crise financeira, como a de 2008, que desestabiliza os agentes intermediários do mercado financeiro, impossibilitando que os demais agentes econômicos que dependem de tais intermediários operem normalmente. Carlsson-Szlezak *et al.* (2020) entendem que, apesar da recessão real ser a mais impactante das três, o choque tende a ser transitório, pois as duas outras, apesar de serem menos graves do ponto de vista humano, desestabilizam todo o aparato econômico, retardando sua recuperação.

Acerca das possíveis trajetórias de recuperação, Carlsson-Szlezak *et al.* (2020) apontam três possíveis cenários: em forma de V, o mais provável e otimista, em que o choque reduz drasticamente a produção, mas a economia acaba se recuperando; em forma de U, em que há uma recuperação do choque, porém há uma perda permanente da produção durante o período de recuperação; em forma de L, quando as perdas são tão significativas que não há possibilidade de remediar seus efeitos, algo que, até o momento, se vê como pouco provável.

Por fim, os autores apontam que a história de outras epidemias ajuda a compreender os mecanismos de transmissão pelos quais a crise afeta a economia. De maneira geral, os autores apontam para três canais: impacto indireto na confiança, em que aqueles que detêm algum capital, por terem os rendimentos ameaçados, retêm os seus recursos o que, por sua vez, leva à queda no consumo; impacto direto na confiança do consumidor, em que os gastos discricionários tendem a diminuir devido às incertezas sobre o futuro; choque do lado da oferta, em que a doença interrompe os canais de produção e de distribuição, afetando a oferta de produtos e a necessidade de mão de obra.

A partir da análise desses quatro pontos, Carlsson-Szlezak *et al.* (2020) sugerem seis ações para os líderes empresariais:

- Não fique dependente de projeções, especialmente as do mercado financeiro;
- Não paute seu julgamento sobre os seus negócios olhando somente para o mercado financeiro;
- Como o impacto nos negócios não será uniforme, use as informações sobre a sua empresa e seu mercado consumidor direto para tomar qualquer ação;
- Planeje o melhor e prepare-se para o pior, pois apesar da recuperação efetiva (em forma de V) ser a mais provável, nada ainda se sabe;
- Olhar para além da crise, tentando imaginar quais oportunidades ou desafios surgirão após seu fim;
- Definir como você abordará o mundo pós crise, considerando quais tecnologias e processos podem ser úteis diante das adversidades.

Entretanto, há mais elementos que devem ser considerados em relação ao mundo dos negócios em momentos de crise. Lazzarini e Musacchio (2020, p.1) argumentam que, apesar da mão invisível do mercado prover os

incentivos necessários para que produtos e serviços críticos sejam fornecidos para combater a crise do Covid-19, “o aparato estatal – não apenas empresas estatais, mas também agências de desenvolvimento e fundos públicos – pode promover experimentação e ajuste nos processos de produção para aumentar a infraestrutura e capacidade de prevenção e tratamento”.

Assim, Lazzarini e Musacchio (2020) entendem que o aparato estatal deve focar em cinco ações políticas no combate à Covid-19: 1) acelerar o investimento em infraestruturas estratégicas e na capacidade de produção, especialmente resolvendo problemas de coordenação; 2) prover recursos de execução para grandes programas de ação coletiva, pois há áreas remotas e críticas não atrativas para a iniciativa privada; 3) estimular novas explorações e o desenvolvimento tecnológico de produtos, como vacinas e medicamentos, por exemplo; 4) fornecer suporte financeiro e/ou aumento de liquidez para atividades econômicas diretamente impactadas pela Covid-19; 5) criar mecanismos de suportes para pequenos empreendimentos que vão além do apoio financeiro.

Em maior ou menor grau, Lazzarini e Musacchio (2020) indicam também cinco instrumentos para lidar com os focos mencionados, cuja efetividade de cada instrumento varia de acordo com cada um dos focos: 1) empréstimos concedidos por bancos de desenvolvimento e estatais; 2) garantias de crédito para que bancos privados realizem empréstimos; 3) participar de forma minoritária no capital de empresas empreendedoras ou com risco de falência; 4) programas de parceria em que o aparato estatal estimula a demanda ou a colaboração com atores privados; 5) atuação direta do aparato estatal no combate à pandemia.

Assim, como Carlsson-Szlezak *et al.* (2020), Lazzarini e Musacchio (2020) também delineiam alguns cenários prováveis e como eles impactam a economia. De acordo com os autores, quanto mais longa for a crise, mais necessário será a expansão do aparato estatal e maior os seus custos de saída. Por essa razão, os autores advogam que estratégias de saída devem ser estabelecidas cuidadosamente, pois, além de injustificável, o apoio estatal em longo prazo pode ser ineficaz. Todavia, como bem atentam os autores, não utilizar o aparato estatal por receio de inchá-lo pode, paradoxalmente, fazer com que ele se torne ainda mais inchado no futuro. Isso porque sua ausência pode agravar a crise e alongar o tempo de retomada, o que, por sua vez, aumentaria mais intensamente a presença do Estado.

Pouco ainda se sabe se atores públicos e privados vêm atuando da forma que Carlsson-Szlezak *et al.* (2020) e Lazzarini e Musacchio (2020) sugerem, e menos ainda se sabe quais os impactos de tais ações, bem como quais as consequências da pandemia. Mas é fato que a crise vem alterando a forma como os negócios atuam. Especialmente no que se refere ao papel da tecnologia em um mundo pós Covid-19. Sułkowski (2020), por exemplo, além de destacar que a crise está nos levando para uma recessão global, ressalta como a necessidade de isolamento social nos levou a uma profunda virtualização da comunicação. Segundo o autor, para preservar a saúde, muitos negócios tiveram que mobilizar infraestrutura técnica e *software*. Todavia, isso implica em se formar novos padrões socioculturais, exigindo, em ritmo acelerado, treinamento, motivação e controle de funcionários.

Entre os setores cuja virtualização provavelmente foi mais acelerada por causa da Covid-19, está o educacional (Leonardi, 2020). Em pouco tempo, foi possível ver um número relativamente grande de instituições de ensino, especialmente as de ensino superior, mobilizando suas estruturas de aprendizado virtual para repor o ensino presencial, pois já contavam com a modalidade de ensino a distância. Aquelas que não detinham tais plataformas ou tecnologias, como foi o caso de muitas escolas de ensino básico e cursos de línguas e profissionais, ou adotaram plataformas pagas, ou vêm utilizando plataformas gratuitas. Diga-se de passagem, algumas delas são muito superiores às pagas, pelo menos do ponto de vista do professor, usuário ao qual me enquadro.

Todavia, mesmo havendo alternativas gratuitas de plataformas on-line de apoio educacional, muitas instituições de ensino responderam ao desafio da pandemia antecipando o período de férias ou simplesmente interrompendo as atividades. Infelizmente, as alternativas de interromper as aulas refletem a desigualdade de nossa sociedade. Como relatado por Crawford *et al.* (2020), entre 20 países analisados em seu estudo sobre as respostas das instituições de ensino superior à necessidade de distanciamento social devido ao coronavírus, o uso de plataformas on-line foi mais frequente em países desenvolvidos do que em países em desenvolvimento.

A desigualdade se manifesta também quando comparamos o ensino público com o privado. Boa parte das escolas, faculdades e universidades privadas, bem ou mal, se adaptaram rapidamente ao ambiente virtual de ensino e aprendizagem, fato que não ocorreu com o ensino público em todos os níveis. Do ponto de vista organizacional é até explicável, pois as instituições privadas dependem de sua resposta para poderem justificar e manter o recebimento das mensalidades. Contudo, as entidades públicas, além de não terem o mercado como mecanismo de incentivo, são carentes de meios e de recursos. Sem contar que ainda vivemos num país cujo povo ainda não se vê como cidadão, ficando ainda constrangido de exigir seus direitos constitucionais, não confrontando a inércia política em prover soluções imediatas para os estudantes da rede pública.

Enfim, mais que uma crise de saúde, que vem ocasionando uma crise econômica, a pandemia do coronavírus definitivamente é uma crise humanitária. E por afetar diretamente a vida das pessoas, não pude ignorar neste editorial algo essencial para qualquer cidadão comum, que é o trabalho. E por ser professor e pesquisador, meu foco recai nessas duas categorias, que estão totalmente entrelaçadas.

Assim, apesar da profunda tristeza do momento, nada melhor que tentar desafiá-la com um riso, mesmo que seja de ironia, apelando à sátira. De acordo com Soethe (1998), tal forma literária pode ser caracterizada por sua finalidade moralizadora, em que o riso é utilizado como mecanismo de denúncia de vícios da sociedade. Segundo o autor, a sátira remete a uma maneira de interpretar a realidade, podendo se referir a qualquer imitação grosseira ou irrelevante, que busca a punição ou a ridicularização por meio da troça e da crítica direta. Essencial na sátira, segundo Soethe (1998), é o desejo de se atingir determinados objetivos sociais.

Neste editorial, busco atingir tal objetivo por meio de memes — qualquer unidade cultural compartilhada de pessoa para pessoa por meio de replicação ou imitação (Dawkins, 1976) —, especificamente os memes da internet, já que esses podem ser compreendidos como um dos gêneros textuais satíricos que mais bem representam o século XXI (Piata, 2016). O primeiro deles, exposto na Figura 1, representa muito bem, satiricamente, é claro, o papel que os professores vêm desempenhando na crise do coronavírus.



Figura 1. Meme satirizando o empenho dos professores no período de distanciamento social devido à Covid-19.

Fonte: Capturado na página privada do Facebook do Professor Michael Thiollent (autor desconhecido) no dia 15 de abril de 2020.

Não é necessário muito esforço interpretativo para compreender a mensagem de tal meme. Afinal, ele representa, ao mesmo tempo, o caos que a crise do Covid-19 vem gerando e o empenho dos professores, que se desdobraram rapidamente para dar algum alento aos alunos e alguma segurança ao sistema de ensino. Sem contar que a atuação dos professores por meio do trabalho em casa, o denominado *home office*, vem salvaguardando as operações do sistema de ensino privado, pois esses podem, pelo menos, justificar a cobrança de mensalidades.

Então, apesar da sátira, não posso deixar de destacar e, com certeza homenagear, meus colegas professores. Enquanto muitas categorias profissionais ainda estão patinando em como lidar com a crise, vi muitos dos meus colegas utilizando a estrutura do seu lar, equipamentos particulares, e, especialmente, os momentos de lazer e com a família para poder adaptar emergencialmente a rotina de trabalho presencial à

lógica do ensino a distância. Dos casos que eu acompanhei, vi que os professores conseguiram organizar seus conteúdos e materiais quase que instantaneamente, adaptando-os às necessidades do ensino virtual. E se assim fizeram, enquanto estudiosos das organizações, eu não posso deixar de destacar que professores, enquanto profissionais qualificados, operam com independência e responsabilidade. Primeiro, porque têm domínio do seu trabalho, dependendo pouco da estrutura organizacional para esse fim. Segundo, por vocação, pois lecionar não é somente um trabalho remunerado, mas a extensão de suas vidas; por essa razão isso é tão importante para eles. Enfim, de tudo de ruim que estamos passando neste momento, que pelo menos possamos aprender algo de relevante: para haver ensino, além do aluno, basta ter o professor. Vimos que o essencial é dar condições de trabalho aos professores, inclusive em casa, pois eles sabem do que precisam para serem efetivos.

Além de professores, a maioria dos leitores da RECADM também são pesquisadores, papel que às vezes é indevidamente separado nas instituições de ensino superior. E como a RECADM é delineada para esse público, eu não poderia deixar de tratar da atividade do pesquisador durante a pandemia, alçando mão, também, do recurso satírico. Por isso, na Figura 2, recupero um outro meme que capturei também no Facebook, satirizando o imenso empenho da comunidade científica em se debruçar sobre a doença Covid-19. Em tal meme, a metáfora remete a colocar o senso de sobrevivência em segundo plano, na preocupação de desempenhar um dos resultados da pesquisa, a publicação.



Figura 2. Meme satirizando o oportunismo de alguns pesquisadores em alavancar pesquisas sobre a Covid-19.

Fonte: Capturado na página privada do Facebook do Professor Michael Thiollent no dia 15 de abril de 2020 (autor desconhecido).

Realmente, como bem apontou Justman (2020), a empreitada científica não pode parar, e de fato não parou. Em uma busca remetendo exclusivamente ao ano de 2020, realizada em 19 de abril deste ano, foram identificados

aproximadamente 30.500 artigos científicos no Google Acadêmico. Há *papers* como o de Bai *et al.* (2020) que já possuem 297 citações, pois lidam com uma questão central na pandemia, que é a transmissão assintomática. Só considerando *papers* em português, na mesma data, temos 564 artigos no total. Em nossa área de pesquisa, o entrelaçamento entre os termos Covid-19 e *business* gerou 2.390 resultados. Isso demonstra que não só as áreas médicas estão atentas, mas áreas como a nossa estão bem ativas.

Só nas últimas duas semanas, devo ter respondido mais de uma dúzia de pesquisas sobre como a pandemia vêm afetando a vida das pessoas e das organizações. Isso indica que a nossa área não vem relegando os grandes problemas que infringem a nossa realidade. Eu, inclusive, estou desenvolvendo uma pesquisa aplicada sobre o tema, na intenção de compreender como esquemas compartilhados de significados moderam as respostas das pessoas e das organizações frente à Covid-19.

Todavia, alguns pesquisadores ficaram incomodados com o recompartilhamento do meme exposto na Figura 2, pois interpretaram que seria uma crítica ao ato de pesquisar “grandes temas”. Isso é sinal de que a sátira surtiu o efeito desejado, pois elas têm a função de denunciar certos vícios e contradições da sociedade (Soethe, 1998). Não estou dizendo que reprovoo o empenho de pesquisadores em investigar o tema durante a pandemia na intenção de compreender seus impactos. Afinal, eu também estou pesquisando o tema. Mas não podemos ignorar que existe, sim, uma lógica produtivista da pesquisa, que alguns grupos de pesquisadores focam exclusivamente o produto “*paper* em um *journal*” em detrimento da busca pelo conhecimento e que muitos buscam estudar temas “populares” na intenção de ter o caminho encurtado para publicações de impacto e para a concessão de fundos de pesquisa. Então, se há oportunismo de pesquisadores com o tema, senti a necessidade de denunciá-lo, mesmo que satiricamente. Afinal, essa vem sendo a trajetória dos editoriais da RECADM.

Independentemente dos desvios, é inegável a quantidade de energia que vejo meus colegas pesquisadores depositando no momento. Não especificamente ao estudo da pandemia, mas na condução de suas pesquisas, nas orientações de alunos de mestrado e doutorado e na condução, mesmo que a distância, das atividades de pesquisa. Ao ponto que todos os colegas que conversei, especialmente durante bancas de mestrado e doutorado, foram unânimes em dizer que estão trabalhando muito mais.

Algumas áreas mais experimentais podem estar com o trabalho de pesquisa comprometido, mas em nosso caso, muitas das pesquisas já eram mediadas por ferramentas virtuais. E como todo pesquisador que se preze sempre busca uma oportunidade para trabalhar em seus temas, o fato de estar em casa vem alavancando a produtividade de muitos. Ademais, o cansaço físico é absolutamente menor e não há perda de tempo na locomoção diária. Logo, a quantidade de trabalho vem aumentando vertiginosamente. Sem contar que há a possibilidade de se trabalhar em seu próprio habitat, o lar, o que aumenta também a produtividade. Isso, é claro, se o pesquisador contar com alguma estrutura em casa.

Concluindo a discussão que empreendi aqui, gostaria de mencionar que há dois desafios que os pesquisadores que estão trabalhando em casa precisam lidar. Primeiro, separar a vida do trabalho da vida particular. Como o ambiente é o mesmo, sobrepor rotinas do trabalho com as rotinas do lar pode aumentar o estresse, já que muitos se sentem pressionados a serem cada vez mais produtivos, simplesmente por se sentirem estigmatizados por estarem em casa. Segundo, tentar tirar proveito da aprendizagem gerada pela reclusão para desafiar mecanismos de controle do trabalho do pesquisador, que indubitavelmente são menos efetivos. Pois, apesar de nós professores e pesquisadores estarmos em casa, em momento algum deixamos de nos dedicar e efetivamente contribuir para a pesquisa e o ensino.

Nesta Edição

Esta é a primeira edição que a RECADM publica um ensaio cujo compromisso era provocar, sem necessariamente se ater a problemas de método. Como não publicamos muito artigos por ano, não há tanto espaço para tais empreitadas. Todavia, tentaremos dar destaque a tais produções, como é o caso do primeiro artigo. Os outros três artigos desta edição tocam em três temas distintos: classe, gênero e raça. Apesar de tais temas remeterem a categorias sociais analiticamente separadas, elas estão estruturalmente interligadas por duas características tristemente recorrentes na sociedade: desigualdade e preconceito. Pode-se notar que todos os três artigos destacam o estigma e a rejeição, dentro e fora das organizações, daqueles que não atendem a um padrão moralmente construído de conduta. O primeiro passo para combater um problema é reconhecer sua existência, para depois analisá-lo. E os três estudos contribuem brilhantemente para tal fim. Nos dois últimos artigos desta edição, lidamos com a compreensão dos efeitos da tecnologia nos cidadãos. Um analisando seu processo, outro analisando os entendimentos sobre a privacidade, constantemente desafiada em uma sociedade digital.

Sendo assim, no primeiro artigo desta edição, Marcelo de Souza Bispo, no ensaio “Contradições da pós-graduação em administração brasileira”, aponta algumas contradições da pós-graduação em administração, tomando como base o que acontece no Brasil e que pode ter ressonância em outros países, de modo a considerar seus impactos no processo de avaliação dos programas de pós-graduação brasileiros e nas carreiras dos profissionais envolvidos no ensino superior. A partir da confusão criada entre os conceitos do que é ensino e o que é pesquisa, o autor defende que a pós-graduação não é “o” espaço da pesquisa em administração, mas o espaço do ensino da pesquisa. Assim, Bispo apresenta argumentos para sustentar que o mestrado seja definido como nível de formação para o ensino e o doutorado como nível de formação para pesquisa.

No segundo artigo, intitulado “Classe social e produção de desigualdades: uma análise culturalista de classe”, Eloisio Moulin de Souza analisa qual a relevância de classe social como marcador social para alunos

de administração e como os alunos definem classe social, utilizando-se para essa análise a abordagem culturalista de classe. O autor aplicou questionários e conduziu grupos focais com um roteiro semiestruturado de entrevista junto aos alunos de graduação de administração, sendo os dados produzidos investigados por meio da análise de conteúdo. Segundo Moulin, classe é um marcador social identitário no contexto estudado, produzindo hierarquias e desigualdades econômicas, culturais e sociais. Em uma análise culturalista, os alunos de administração definiram classe considerando tanto aspectos objetivos quanto subjetivos, declarando a relevância de classe em sociedades menos desenvolvidas e evidenciando o alto nível de estratificação social presente na sociedade brasileira.

O terceiro artigo desta edição, de autoria de Renan Gomes de Moura e Rejane Prevot Nascimento, cujo título é “O estigma da feminilidade nas organizações: um estudo a partir da visão de sujeitos gays”, se propõe compreender a estigmatização da feminilidade nas organizações pela perspectiva do sujeito gay. Isso porque os homossexuais, assim como outras categorias marginalizadas da sociedade, são tratados muitas vezes como minorias ou excluídos, submetidos ao controle social por parte de um grande grupo hegemônico, que determina o que é tido como “normal” na sociedade. Por meio de entrevistas com sujeitos gays masculinos assumidos, os autores constatarem que o estigma da feminilidade pode ser compreendido a partir do momento em que o “ser feminino” é visto como inferior ao homem pela sociedade e pelas organizações, seja por meio das palavras ou por meio de comportamentos, com o objetivo de manter o poder heteromascuino.

No quarto artigo, “‘Cabelo (crespo e cacheado) pro alto, me levando a saltos’ em meio à ressignificação das identidades de mulheres negras em contextos sociais e organizacionais”, as autoras Juliana Schneider Mesquita, Juliana Cristina Teixeira e Caroline Rodrigues Silva analisaram processos de ressignificação de identidades de mulheres negras em sua relação com o processo chamado transição capilar e a maneira como a sociedade e as organizações vêm reagindo a essa ressignificação. A partir de entrevistas com mulheres que passaram ou estão passando pela transição capilar, as autoras analisaram os enunciados discursivos por meio da análise francesa do discurso. Os principais resultados evidenciam que as entrevistadas, ao passarem pela transição capilar, tiveram suas identidades ressignificadas e que essa ressignificação traz relevantes alterações nas suas relações na sociedade e nas organizações.

O quinto artigo, de autoria de Leonardo Campinha dos Santos, Angilberto Sabino de Freitas e Jorge Brantes Ferreira, “*Whatsapp* como ferramenta de ensino e aprendizagem por professores do ensino superior: uma avaliação utilizando o modelo de aceitação de tecnologia TAM”, investiga quais variáveis influenciam positivamente a intenção de aceitação do *WhatsApp* por professores universitários como ferramenta para o processo de ensino e aprendizagem, em um ambiente do ensino presencial. Por meio de um *survey*, os autores apontam que o construto compatibilidade obteve grande influência na facilidade de uso percebida, utilidade percebida e a atitude em relação ao uso. A atitude em relação ao uso também apresentou forte

influência na intenção de uso do *WhatsApp*. Por fim, os resultados sugerem que os professores universitários consideram como aspectos relevantes e influenciadores de uma atitude positiva em relação ao uso do *WhatsApp* a compatibilidade com seus valores, necessidades e experiências e a percepção do quão útil pode ser o seu uso. Vale ressaltar a pertinência de tal estudo para o momento atual, pois os estudantes e professores estão utilizando maciçamente o *WhatsApp* como ferramenta de comunicação.

Por fim, no sexto e último artigo desta edição, Sady Darcy da Silva Junior, Edimara Mezzomo Luciano e Rafael Mendes Lübeck, no artigo intitulado “Revalidação da escala *mobile users’ information privacy concerns* para o contexto brasileiro”, revalidam a escala *MUIPC* ao contexto brasileiro, comparando os resultados obtidos aos do contexto norte-americano. Para tanto, investigaram uma amostra de 309 brasileiros, que responderam via web as questões retrotraduzidas da escala. Os autores verificaram que os resultados obtidos se assemelharam a uma das pesquisas anteriores realizadas com respondentes norte-americanos. Assim, a principal contribuição do estudo foi a adaptação para a língua portuguesa de uma escala de medição da preocupação com a privacidade das informações para usuários de *apps* de equipamentos *mobile*, que poderá auxiliar pesquisadores brasileiros em investigações no contexto nacional.

Como prometido na última edição, colocamos no ar nossa primeira chamada especial “Verso, Prosa, Drama e Ficção: Literatura e Organizações” conduzida pelos editores convidados Ana Sílvia Rocha Ipiranga e Luiz Alex Silva Saraiva. Não há dúvidas de que a chamada será um sucesso, especialmente devido ao trabalho de qualidade dos colegas que a conduzirão. Também tivemos a oportunidade de publicar um ensaio provocativo, como também mencionei que iria acontecer na última edição. Resta agora, no atual momento, ajudar aos autores e revisores a conduzir seu trabalho da melhor forma possível para que a RECADM não pare durante a pandemia.

Despeço-me desta vez desejando saúde para todos os membros da comunidade da RECADM, na torcida de que nada de essencial falte nesse momento de privação. Não poderia deixar de agradecer ao trabalho incansável dos avaliadores, bem como o profissionalismo da equipe de suporte da RECADM, que pode trabalhar em casa em segurança, fazendo com que a revista não parasse. Destaco que sem o apoio financeiro do Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sociais, nada do que fizemos nesses últimos anos teria sido possível. E que, daqui a quatro meses, possamos ter um editorial mais distante dessa pandemia.

Uma prazerosa leitura,

Luciano Rossoni

Editor da RECADM

Referências

- Bai, Y., Yao, L., Wei, T., Tian, F., Jin, D. Y., Chen, L., & Wang, M. (2020). Presumed asymptomatic carrier transmission of COVID-19. *Jama*, 323(14), 1406-1407.
- Carlsson-Szlezak, P., Reeves, M., & Swartz, P. (2020, March). What Coronavirus Could Mean for the Global Economy. *Harvard Business Review*, 1-10.
- Crawford, J., Butler-Henderson, K., Rudolph, J., Malkawi, B., Glowatz, M., Burton, R., ... & Lam, S. (2020). COVID-19: 20 countries' higher education intra-period digital pedagogy responses. *Journal of Applied Learning and Teaching*, 3(1), 1-20.
- Dawkins, R. (1976). *The Selfish Gene*. Oxford: Oxford University Press.
- Drucker, P. F. (1949, September). The new society: I. Revolution by mass production. *Harper's Magazine*, 21-30.
- Justman, Q. (2020). Keeping the Wheels of the Scientific Endeavor Turning during the COVID-19 Pandemic. *Cell Systems*, DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cels.2020.03.007>.
- Lazzarini, S. G., & Musacchio, A. (2020). Leviathan as a Partial Cure? Opportunities and Pitfalls of Using the State-Owned Apparatus to Respond to the Covid-19 Crisis. *RAUSP Management Journal*, DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-76122020120x>.
- Leonardi, P. (2020). You're Going Digital-Now What?. *MIT Sloan Management Review*, 61(2), 28-35.
- Piata, A. (2016). When metaphor becomes a joke: Metaphor journeys from political ads to internet memes. *Journal of Pragmatics*, 106(2016), 39-56.
- Soethe, P. A. (1998). Sobre a sátira: contribuições da teoria literária alemã na década de 60. *Fragmentos*, 7(2), 7-27.
- Sułkowski, Ł. (2020). Covid-19 Pandemic; Recession, Virtual Revolution Leading to De-globalization? *Journal of Intercultural Management*, 12(1), 1-11.